

## O MISTO

JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA em seus estudos sobre o Nordeste brasileiro frisou bem a complexidade e variedade daquele meio natural rico em soluções originais. Embora antiga área de povoamento, não ganhou como o Sul, alento para o desenvolvimento industrial. Seus povoados, vilas e cidades guardam as reminiscências dos ciclos econômicos que imperaram e lhe deram a roupagem urbana que ainda vestem. Hoje muitas dessas cidades experimentam decadência, vegetando simplesmente, à espera de um novo surto que reviverá a glória dos tempos idos. Permanecem longe da circulação dos eixos da economia atual, fixas na sua marginalidade. Mas, vivem! O dia de feira que normalmente se sucede é um novo alento, um dia de festa quando toda a circunvizinhança lhe volta atenção. Tudo se agita, o "comércio" exulta, a vida volta. Mesmo quando isoladas, distantes das rodovias de maior importância, mantêm-se ligadas por uma original forma de transporte e comunicação: o "misto".

Por "gênese" é um caminhão com dupla finalidade: transporta carga e passageiros. A cabine ou "boléia" é modificada, dando lugar a três ou quatro filas de bancos, cada uma recebendo cinco ou seis passageiros. Esta improvisação ocupa metade do comprimento do veículo. O restante da carroçaria recebe a carga. Sua importância é maior do que se supõe à primeira vista. Partindo de uma localidade que convencionou ser sede das atividades, faz a "linha" uma ou duas vezes por semana à capital do estado ou centro regional, distantes muitas vezes mais de quarenta léguas. Uma tabuleta de madeira, pintada a capricho, indica, do alto do pára-brisas, o destino: Misto Orós — Icó ou tantos outros: Jaguaribe-Ruças, Floriano-Oeiras-Picos, Jucás-Iguatu, Moçoró-Açu, etc. O motorista é figura de relêvo, importante, popular e respeitado pelo seu grande valor "social". Por onde passa todos lhe conhecem, acenam, cumprimentam. Traz notícias, recados, cartas, bilhetes, volumes, etc... Basta pedir — seo João, me faz o favor de entregar lá no Croatá, pra Maria do Socorro... — é uma carta de amor, escrita em letras trêmulas e disformes que o saudoso "cassaco" pede que entregue à sua namorada. Ele está trabalhando, já há tempo, na estrada que o DNOCS está abrindo.

Não tem hora certa para partir, não há pressa. É de manhã cedo ou à tarde, depois da feira. Quando o carro está cheio de gente e de trastes, toca a buzina de ar comprimido, prolongada e insistente. Mas, não vai sair não. É só para avisar. Não há perigo, ninguém perde o "horário". Depois buzina outra vez, mas agora vai partir. Já com o motor funcionando, buzina e lentamente começa o percurso. Ainda alguém vem correndo, ele pára, os passageiros não demonstram a menor reclamação. É uma carta ou um recado...

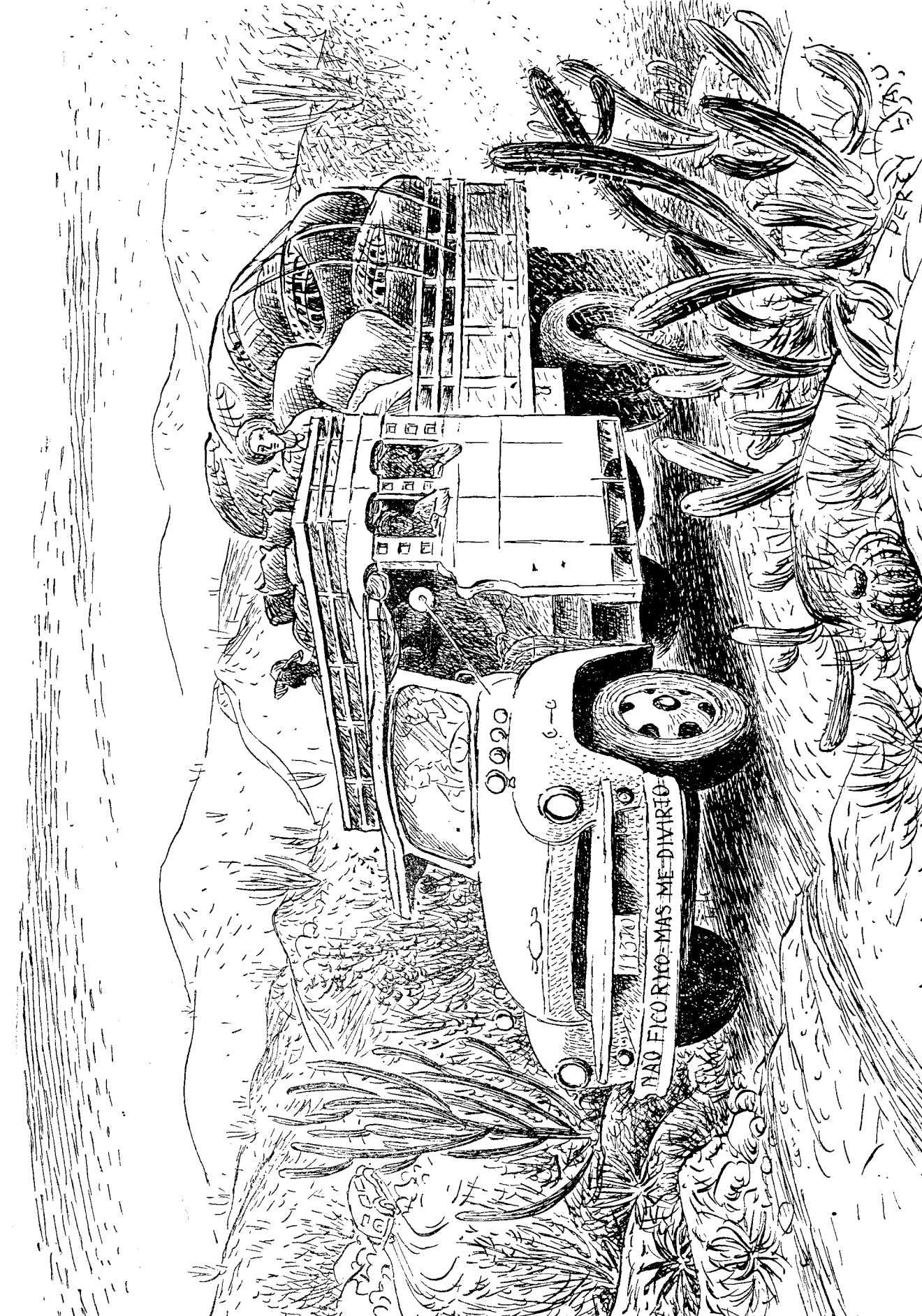
Já na estrada desenvolve velocidade, deixando atrás de si a poeira vermelha. Os passantes já se acostumaram, trazem uma toalha ou lenço ao pescoço e cobrem o rosto ante o pó com que são saudados. Todos os lugares têm um nome com o qual são conhecidos ou referidos: Alto do Sereno, Flor do Campo, Palestina, Rio dos Matões, Riacho da Paciência, etc. O motorista é solícito ao forasteiro curioso, procura tornar-se útil fornecendo informações. No percurso vai apanhando passageiros, que postados à beira da estrada, com seus trastes, nem fazem sinal de parada. Já se sabe, pela atitude ou pelo trajair. Escolhem calmamente um lugar, depois de ter cumprimentado os passageiros e ajeitado a bagagem. Esta é constituída quase sempre de sacos brancos (tipo de farinha). Quando num mesmo saco transporta vários cereais usa de um expediente curioso: no fundo coloca arroz, dando um nó logo a seguir, despeja milho e novamente outro nó e finalmente o feijão, já na boca do saco, quando dá o último nó. Se vão para a feira levam para vender coisas da terra; na volta trazem querosene, cigarros, bebida, ferragens, etc. Outros viajam a negócios às vezes os mais curiosos. Um tipo inesquecível que tivemos por companhia foi o João das Latas (assim o chamávamos). Creio que vinha do Bacabal, no Maranhão e ia para o Crato, no Ceará. Seis sacos de latas vazias de marmelada, já usadas, constituíam sua bagagem. Como tinha negócios a fazer no Ceará, juntara as latas para vendê-las e assim "salvaria" os gastos da viagem...

Atuando em um âmbito regional bem delimitado, o "misto" é o virtual substituto das tropas de burro, em processo de franca extinção. O adensamento da rede de rodovias municipais proporcionou a atualização do meio de transporte. Hoje, às feiras das cidades nordestinas se inclui um novo elemento modificando condições antigas. As tropas de burro possuíam um raio de ação bem mais restrito: cinco a seis léguas por jornada. Esta seria a atuação máxima das feiras. Os gêneros perecíveis impunham, outrossim, idênticas limitações. Ao ambulante tropeiro também reduzido era o número de feiras que poderia frequentar, no decurso de uma semana.

O misto, caminhão adaptado às contingências nordestinas, ampliou o raio de ação das feiras, maior penetração e dinamismo do comércio ambulante. O artesanato industrial do Crato se faz presente nas mais distantes cidades: espingardas (tipo trabuco), "peixeiras", chocalhos de cobre, para a criação, ferragens, ourivesaria, etc. De igual forma, as casas grossistas de Campina Grande fazem chegar ao alto sertão as bugigangas de plástico e produtos de beleza, já há tempos presentes nas modestas moradas do sertanejo.

Inegavelmente ao misto e ao caminhão devemos atribuir a reformulação das áreas de atuação das muitas cidades do Nordeste. Cidades tiveram aceleração no seu processo evolutivo, ampliando sua zona de influência e modificando os quadros geo-econômicos.

BERNARDO ISSLER



11370  
NÃO FICO RICO - MAS ME DIVIRIO

PERE  
D. V. A.